

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

AUSTRALIAN OPEN Grand Slam que abre a temporada entra em cartaz, hoje, com a busca de Djokovic pelo 11º título na edição de 120 anos do torneio. Com quatro representantes, Brasil tem a maior presença na disputa simples desde 2003

Abram alas para os astros

VICTOR PARRINI

As primeiras semanas de janeiro costumam ser muito mais agradáveis para os amantes do tênis. Há grandes jogos e estrelas competindo ao redor do mundo. No entanto, o maior motivo para o deleite dos apreciadores é o início do Australian Open, o primeiro Grand Slams da temporada. A versão de 2025, com início hoje, em Melbourne, é ainda mais especial. A disputa masculina do torneio completa 120 anos. Recordista de títulos entre os homens, com 10 troféus, o sérvio Novak Djokovic não poderia ficar de fora. Atual bicampeã, a bielorrussa Aryna Sabalenka também é convidada de honra para o primeiro grande desfile das quadras.

Embora seja o mais vitorioso tenista da Australian Open, Djokovic não é amplamente favorito. O sérvio de 37 anos disputará o torneio sequer como top-5 do ranking mundial. Hoje, é o sétimo e vê cinco concorrentes, todos abaixo da faixa etária dos 30, à frente dele na classificação. O líder é justamente o atual campeão, o italiano Jannik Sinner. O número um do planeta ostenta o feito de ser o mais jovem vitorioso em Melbourne desde o próprio Djokovic, em 2008. Sinner tinha 22 quando faturou o Grand Slam em 2024, dois a mais do que o ícone.

E por falar em jovem, o espanhol Carlos Alcaraz é mais um candidato a protagonista da competição. Número três do mundo, ele busca fechar o quadrado perfeito. Ostenta no currículo os títulos de três dos quatro Grands Slams — Wimbledon, Roland Garros e US Open. Falta justamente o Australian Open. A melhor campanha de Alcaraz na quadra rápida australiana foi no ano passado, quando alcançou as quartas de final. Caso rompa mais barreiras e chegue à decisão em 26 de janeiro, ele se igualará ao americano Don Budge (1915 - 2000) como o mais jovem a vencer as competições de Melbourne, Londres, Paris e Nova York.

Assim como em 2024, neste ano, o Australian Open não terá Rafael Nadal. Mas daqui para frente, as ausências estão confirmadas. O campeão em 2009 e 2022 se aposentou das quadras e abre espaço

para outras figuras. Vale a pena ficar de olho no alemão Alexander Zverev, no americano Taylor Fritz, no russo Daniil Medvedev e no norueguês Casper Ruud.

Na disputa feminina, a bielorrussa Aryna Sabalenka busca o tricampeonato consecutivo. A última vez que o Australian Open brindou uma tenista em edições consecutivas dessa maneira foi em 1999, quando a suíça Martina Hingis repetiu os feitos das duas temporadas anteriores. Sabalenka tem como principal concorrente a polonesa Iga Swiatek, número dois do mundo. Juntas, elas venceram sete dos últimos 12 Grand Slams. Swiatek jamais esteve na finalíssima do Australian Open. O melhor resultado na Oceania foi a presença na semifinal. Neste ano, ela buscará os troféus inéditos em Melbourne e em Wimbledon. O cenário feminino não se restringe a Sabalenka e Swiatek. Também se candidatam ao título: Coco Gauff (EUA), Jasmine Paolini (ITA) e Qinwen Zheng (CHI).

Bia e cia.

O Brasil terá quatro representantes nas chaves de simples: Thiago Monteiro, Thiago Wild e o prodígio João Fonseca. Beatriz Haddad Maia coloca o país em evidência nas disputas femininas. Fonseca terá um enorme desafio na primeira rodada: enfrentará o russo Andrey Rublev, nono colocado do ranking. Monteiro medirá forças com o japonês (74º). Wild terá de avançar contra o húngaro Fabian Marozsan (57º). Bia Haddad é favorita contra a argentina Julia Riera.

A nova edição chama a atenção para o número de brasileiros nas disputas de simples. Com quatro classificados, o país tem a maior presença em 22 anos. O recorde pertence à edição de 2003, quando desfilaram Gustavo Kuerten, Fernando Meligeni, André Sá, Flávio Saretta e Marcos Daniel.

“Ter um número expressivo de jogadores numa competição desse porte mostra que estamos no caminho certo para desenvolver o nosso esporte. O tênis nacional vem ocupando cada vez mais espaço no mundo”, comentou o presidente da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), Rafael Westrupp.

Participação brasileira

Simple

Bia Haddad Maia
João Fonseca
Thiago Wild
Thiago Monteiro

Duplas

Bia Haddad Maia
Ingrid Martins
Luísa Stefani
Marcelo Melo
Orlando Luz
Rafael Matos

Juvenil

Luiz Augusto Miguel
Nauhany Silva
Pedro Dietrich
Victoria Barros

Tênis em cadeira de rodas

Luiz Calixto (Junior)
Vitoria Miranda (Junior)
Ymanitu Silva (Quad)

Programe-se

Hoje

22h10min Thiago Monteiro
x Kei Nishikori
Disney+

Amanhã

João Fonseca x A. Rublev
Disney+
Thiago Wild x F. Marozsan
Disney+
Bia Haddad x Julia Riera
Disney+
Djokovic x Basavareddy
Shevchenko x Alcaraz
Sinner x Jerry
Siniaková x Swiatek
5h Sabalenka x Stephens
Transmissão: ESPN
Horários não informados
até o fechamento desta
edição

O sérvio Novak Djokovic é o recordista de Grand Slams: 24 conquistados contra 22 de Rafael Nadal

Sérvio diz ter sido “envenenado” antes de deportação

O tenista sérvio Novak Djokovic afirmou que foi “envenenado” com chumbo e mercúrio durante a breve retenção na Austrália em 2022, antes de ser deportado do país.

Às vésperas do Aberto da Austrália daquele ano, o visto do ex-número 1 do mundo foi cancelado e ele foi finalmente deportado do país por não ter se vacinado contra a covid-19.

Durante a batalha judicial para ficar na Austrália, Djokovic ficou confinado em um hotel.

“Tive alguns problemas de saúde. E me dei conta de que nesse hotel

de retenção me deram comida que me envenenou”, disse o tenista de 37 anos, em uma longa entrevista à revista GQ, publicada na quinta-feira.

“Descobri coisas quando voltei à Sérvia. Nunca disse isso a ninguém publicamente, mas descobri que tinha um nível muito alto de metais pesados. Tinha chumbo, um nível muito alto de chumbo e mercúrio”, explicou.

Perguntado sobre se acreditava que a comida havia sido contaminada, o sérvio respondeu: “É a única forma”.

Ontem, em Melbourne, Djokovic não quis dar detalhes sobre o tema

quando foi questionado se tinha provas de que estes níveis altos de metais pesados no sangue tinham relação com os alimentos.

Porém, tampouco desmentiu as acusações de envenenamento.

“O artigo da GQ saiu ontem [...] Dei essa entrevista há muitos meses”, disse o sérvio, dois dias antes do início do Aberto da Austrália.

“Gostaria de não falar disso porque quero me concentrar no tênis e no motivo pelo qual estou aqui”, acrescentou o tenista.

“Se vocês querem ver o que eu disse

e ter mais informações sobre isso, podem sempre voltar ao artigo”, disparou.

Um porta-voz do Ministério do Interior da Austrália disse que não poderia comentar casos individuais “por questões de privacidade”.

O governo australiano afirmou que a comida servida no hotel passava por controles sanitários e que amostras dos vários pratos foram fornecidas ao contratante responsável pelos serviços de detenção.

Um ano depois da polêmica, Djokovic voltou a Melbourne e conquistou pela décima vez o Aberto da Austrália. A

partir do domingo, o sérvio irá em busca de mais um título para chegar à marca recorde de 25 Grand Slams.

Djokovic disse não guardar “nenhum rancor” contra o país. “Muitos australianos que me encontraram na Austrália nos últimos anos ou em outras partes do mundo vieram se desculpar pelo tratamento que recebi, porque estavam envergonhados de seu próprio governo”, afirmou na entrevista.

“De fato, adoro estar aqui e acho que meus resultados são uma prova de como eu me sinto jogando tênis e quando estou neste país”, concluiu.